

O CURRÍCULO DA ESCOLA BÁSICA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS – relações entre os contextos de produção de textos e da prática da experiência SEE/SP focalizando a disciplina de Filosofia.



Nome – William Borges da Silva

Orientador: Prof^ª Dr^ª Maria Inês Petrucci-Rosa

E-mail – wbs014@gmail.com / inesrosa@unicamp.br

Palavras-Chave: Mônadas-Currículo-Identidade Disciplinar



Introdução: O significado da palavra currículo em seu sentido literal pode ser “caminho, jornada, trajetória, percurso a ser seguido” (CAÇÃO, 2010, p. 381). Considerando esses significados, assumimos aqui o currículo como construção social (GOODSON, 2007). Nesse sentido, no contexto escolar, não se trata apenas das escolhas que são feitas em relação aos conteúdos de ensino, mas também das práticas culturais da instituição. Postas essas observações sobre o significado aqui assumido de currículo, no escopo desse projeto, é importante também tentar entender como a Filosofia e outras Ciências Humanas se estabilizaram como disciplinas dentro do currículo educacional brasileiro da educação básica, a partir do início do século XX.

Cação (2010) contextualiza o assunto a partir do final do século XIX, quando Benjamim Constant propôs a Sociologia enquanto disciplina na educação básica da época. No entanto, apenas em 1925, a disciplina passou a ter um espaço maior nas escolas secundárias, principalmente no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Com a reforma Rocha Vaz em 25, a disciplina tornou-se obrigatória no currículo das outras escolas e no ensino secundário em nível nacional, no ano de 1931.

Entre os anos 60 e 70, com o regime militar no Brasil, a Sociologia foi suprimida do currículo da educação básica durante décadas do século XX.

Em 2008, a Secretaria de Educação do Estado de SP, no governo de José Serra, lança o projeto “São Paulo Faz Escola” que dispõe novos horizontes para o arranjo curricular dos Ensinos Fundamental e Médio estaduais, de forma a propor uma ação integrada e articulada, para reorganizar o sistema educacional de São Paulo. Tal proposta é bastante marcada por características políticas centralizadoras e por deslocar a autonomia docente, substituindo-a por textos prescritivos em materiais orientadores denominados “Cadernos do Professor”.

Com base nas narrativas de vida profissional dos professores que participaram da experiência do currículo relativo ao programa São Paulo Faz Escola, é que será introduzido o principal objetivo deste trabalho, que é centrado na busca de respostas para as seguintes questões: Que sensibilidades os professores apresentam quanto ao currículo vigente? Que efeitos foram produzidos nas práticas docentes?



Metodologia: Para a elaboração das entrevistas e das mônadas, faz-se necessário uma breve abordagem teórica sobre o conceito de mônada e de narrativas, e como elas serão utilizadas para a elaboração deste trabalho.

Segundo Petrucci-Rosa e colaboradores (2011), as mônadas são definidas como pequenas partes / fragmentos de histórias, cheios de significados. Com inspiração em Leibniz, é possível afirmar que as mônadas são “os elementos das coisas, indivisíveis e indissolúveis, substâncias simples e sem partes, que conformam o real em sua totalidade” (Petrucci-Rosa et alli, 2011, p. 204).

As narrativas possibilitam o encadeamento de vivências pessoais articuladas ao contexto social vivido. Em relação à constituição do campo empírico, até o momento foram realizadas duas entrevistas com professores de Filosofia, atuantes no Ensino Médio.

Alguns resultados e conclusão:

Mônada 1

RECEITA DE BOLO

Eu comecei o contato com esse material didático de um modo um pouco distinto do professor que as vezes entra pra dar aula e vai pegando o material didático para poder ter um suporte, não é?! E ai quando eu comecei a ler, eu fiquei surpreso com o grau de detalhe que o Caderno do Professor. Ele dá instruções as vezes demasiado detalhadas, como se fosse tão simples, como se fosse uma receita de bolo que se você fizer dá certo. Como se fosse adaptado para uma realidade onde de fato, existem poucas pessoas formadas em Filosofia, dando aula de Filosofia. E então, qualquer um que pega aquele material, aparentemente pode sair dando aula de Filosofia.

Mônada 2

HÁ PRESSÃO

Uma professora se comprometeu em usar as apostilas e quando eu estava preparando aula com ela, estava trabalhando com ela. Surgiu um momento em que eu estava querendo saber qual era a direção que ela estava querendo fazer, porque as aulas dela estavam meio que perdidas e ela ficou um pouco ameaçado. Isso acabou no ouvido do diretor da escola e começamos a discutir sobre isso. Mas eu acho que há pressão para você usar. Ela reconhecia que o material não era legal, mas não tinha uma formação que dava autonomia para ela, para que ela conseguisse preparar coisas alternativas. Então ela não conseguia criticar, não conseguia reparar aquele material, reparar, fazer uns acertos e tocar. E ai ela recorria a outros materiais didáticos, procurando nesses materiais didáticos temas parecidos com os do material didático da Proposta do Estado.

Os fragmentos de história evidenciam possibilidades de análise que Rampini (2011) pôde também depreender. Para essa autora, a Proposta Curricular mexe com suas crenças, apaga suas práticas enquanto professor e silencia as vozes dos “homens ordinários” (CERTEAU, 1994). A Proposta Curricular da SEE/SP trouxe mudanças a cultura escolar como um todo. No caso da disciplina Filosofia, as práticas curriculares se encontram esvaziadas no contato com as identidades docentes. Nas palavras do entrevistado, “qualquer um pode sair dando aula de Filosofia”. De acordo com Goodson, os padrões acadêmicos do conhecimento escolar contribuem para a estabilização da disciplina escolar no currículo. Os efeitos produzidos pelo currículo do Estado de São Paulo são oriundos de um conhecimento escolar esvaziado de especificidade, no qual a formação acadêmica parece ser prescindida.



Referências Bibliográficas:

CAÇÃO, M. I. Proposta curricular do Estado de São Paulo: Retorno do discurso regulativo da Tylerização na educação pública, “*Espaço do currículo*”, v. 3, n. 1, 2010, pp. 380-394, 2010

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima, “Reforma curricular paulista e cadernos de Sociologia: Naturalização das políticas educacionais?”, Florianópolis, SC, 16 p. 2011.

PETRUCCI-ROSA, M.I.; RAMOS, T. A.; CORREA, B. R., JUNIOR, A. S. de A. Narrativas e Mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n. 1, p. 198-217, Janeiro/Junho de 2011.

RAMPINI, Elisabete Aparecida. “*Currículo e identidades docentes: o caso da Proposta Curricular da Secretaria da educação do Estado de São Paulo*”. UNICAMP, Faculdade de Educação. Dissertação de Mestrado, agosto de 2011.